

TRADUÇÃO DE “A VIDA DE PITÁGORAS” PRESERVADA POR FÓCIO I DE CONSTANTINOPLA

TRANSLATION OF “THE LIFE OF PYTHAGORAS” PRESERVED BY PHOTIUS I OF CONSTANTINOPLA

Tradução de: Rogério Lopes dos Santos¹

Resumo: O presente estudo consiste em uma tradução de *A Vida de Pitágoras* preservada por Fócio I de Constantinopla. O texto que usamos como referência para essa tradução é de autoria de Kenneth Sylvan Guthrie, e está publicado na obra *The Pythagorean Sourcebook and Library: An Anthology of Ancient Writings Which Relate to Pythagoras and Pythagorean Philosophy*, editada por David R. Fideler (1987). As notas de rodapé que não pertencerem a Guthrie serão seguidas da marcação (N. do T.), ou seja, “Nota do Tradutor”.

Palavras-chave: Pitágoras. Fócio I de Constantinopla. Filosofia. Tradução.

Abstract: The present study consists of a translation of *The Life of Pythagoras* preserved by Photius I of Constantinople. The text we use as a reference for this translation is authored by Kenneth Sylvan Guthrie, and is published in *The Pythagorean Sourcebook and Library: An Anthology of Ancient Writings Which Relate to Pythagoras and Pythagorean Philosophy*, edited by David R. Fideler (1987). Any footnotes that do not belong to Guthrie will be followed by the mark (N. do T.), that is, “Translator's Note”.

Keywords: Pythagoras. Photius I of Constantinople. Philosophy. Translation.

* * *

¹ Doutor em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). E-mail: rogeriolopes06@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4712-6236>.

TRADUÇÃO:

ANÔNIMO: A VIDA DE PITÁGORAS PRESERVADA POR FÓCIO²

A BIOGRAFIA ANÔNIMA aqui reproduzida foi preservada nos escritos de Fócio (820 d.C. – 891 d.C.), um patriarca bizantino e professor de filosofia na Academia Imperial em Constantinopla. Pouco pode ser dito sobre o seu autor não identificado, exceto que ele, por sua vez, pôde preservar algumas partes do tratado perdido de Aristóteles, *Sobre os Pitagóricos*.

Esta obra discute brevemente a família de Pitágoras e toca alguns elementos da metafísica pitagórica e da cosmologia tradicional. Este tratado é particularmente interessante, porque discute a antiga ideia pitagórica de que o homem é um microcosmo refletindo todos os elementos que constituem o universo.

Guthrie foi o primeiro tradutor a verter este texto para o inglês.

A VIDA DE PITÁGORAS

PLATÃO FOI ALUNO de Arquitas e, deste modo, o nono na sucessão de Pitágoras; o décimo foi Aristóteles. Aqueles discípulos de Pitágoras devotados à contemplação eram chamados *sebastici*,³ os veneráveis, enquanto aqueles que estavam envolvidos em negócios eram chamados de políticos (*politikoi*). Aqueles que cultivavam as disciplinas de geometria e astronomia eram chamados de estudantes (*mathematikoi*). Aqueles que se associavam pessoalmente a Pitágoras eram chamados de pitagóricos (*Pythagorikoi*), enquanto aqueles que apenas imitavam seus ensinamentos eram chamados de pitagoristas (*Pythagoristai*). Todos esses geralmente se abstinham da carne de animais; em um determinado momento, eles provavam a carne apenas de animais sacrificados.

2. Diz-se que Pitágoras viveu 104 anos; e Mnesarcos, um de seus filhos, morreu jovem. Telauges era outro filho, e Sara e Myia eram suas filhas. Theano, dizem, não era apenas sua discípula, mas praticamente sua filha.

² Material excerpted from *The Pythagorean Sourcebook and Library* © 1987, 1988 by Phanes Press and used with permission from Red Wheel Weiser, LLC Newburyport, MA www.redwheelweiser.com.

³ Do grego, *sebastós* [σεβαστός], cujo plural, tal como se encontra no texto grego, é *sebastikoi* [σεβαστικοί]. Guthrie, entretanto, traduziu esse termo no singular, ou seja, como “*the reverend*”. Com vistas a manter a concordância nominal, optamos aqui por traduzir tal termo como “os veneráveis” (N. do T.).

3. Os pitagóricos pregavam uma diferença entre a Mônada e o Um; a Mônada habita no reino do inteligível, enquanto o Um habita entre os números. Da mesma forma, o Dois existe entre as coisas numeráveis, enquanto a Díade é indeterminada.

4. A Mônada expressa igualdade e medida, a Díade expressa excesso e defeito. Média e medida não podem admitir mais ou menos, enquanto excesso e defeito, que prosseguem ao infinito, o admitem; é por isso que a Díade é chamada indeterminada. Visto que, por causa da inclusão total da Mônada e da Díade, todas as coisas se referem a números, eles chamam todas as coisas de números; e o número é aperfeiçoado na década. Dez é alcançado adicionando em ordem os primeiros quatro algarismos; é por isso que o Dez é chamado de Quaternário [ou Tetraktys].

5. Eles afirmam que o homem pode melhorar de três maneiras: primeiro, conversando com os deuses, pois deles ninguém pode se aproximar a menos que se abstenha de todo o mal, imitando a divindade, até a assimilação; segundo, fazendo o bem, que é uma característica da divindade; terceiro, morrendo, pois se a sutil separação da alma do corpo, resultante da disciplina, melhora a alma de modo que ela começa a adivinhar em sonhos – e se os delírios da doença produzem visões –, então a alma deve seguramente melhorar muito mais quando totalmente separada do corpo pela morte.

6. Os pitagóricos se abstinham de comer animais por conta de sua crença tola na transmigração, e também porque o alimento cárneo envolve muita digestão e engorda demais. Eles também evitavam feijões, porque produzem flatulência, saciedade excessiva, e por outros motivos.

7. Os pitagóricos consideravam a Mônada como a origem (*arché*) de todas as coisas, assim como um ponto é o início de uma linha, uma linha de uma superfície, e a superfície de um sólido, que constitui um corpo. Um ponto implica uma Mônada precedente, de modo que ela é realmente o princípio dos corpos, e todos eles surgem da Mônada.

8. Diz-se que os pitagóricos previram muitas coisas, e as previsões de Pitágoras sempre se realizaram.

9. Diz-se que Platão aprendeu suas doutrinas especulativas e físicas dos pitagóricos italianos, sua ética de Sócrates, e sua lógica de Zenão, Parmênides e dos eleáticos. Mas, todos esses ensinamentos descendem de Pitágoras.

10. De acordo com Pitágoras, Platão e Aristóteles, a visão é a juíza das dez cores, sendo o branco e o preto os extremos de todas as outras entre: amarelo, pardo, pálido, vermelho, azul, verde, azul claro e cinza. A audição é a juíza da voz, forte e

neutra. O olfato é o juiz dos odores, bom e ruim, da podridão, da umidade, do líquido e da evaporação. O paladar é o juiz dos sabores, doce e amargo, e entre os cinco: picante, ácido, fresco, salgado e quente. O tato julga muitas coisas entre os extremos do peso e da leveza, tal como o calor e o frio; e aqueles entre dureza e suavidade; e aqueles entre secura e umidade, e aqueles entre eles. Enquanto os quatro principais sentidos estão confinados aos seus sentidos particulares na cabeça, o tato está difundido por toda a cabeça e pelo corpo inteiro, e é comum a todos os sentidos, mas está especializado nas mãos.

11. Pitágoras ensinou que no céu existem doze ordens, sendo a primeira, e mais externa, a esfera fixa onde, de acordo com Aristóteles, habitava o altíssimo Deus e as divindades inteligíveis, e onde Platão localizava as Ideias. Em seguida estão os sete planetas: Saturno, Júpiter, Marte, Vênus, Mercúrio, Sol e Lua. Então vem a esfera do Fogo, a do Ar, da Água e, por último, da Terra. Na esfera fixa habita a Causa Primeira, e tudo o que está mais próximo dela é melhor organizado e mais excelente; enquanto o que está mais longe dali é pior. A ordem constante é preservada tão baixa quanto a Lua, enquanto todas as coisas sublunares são desordenadas.

O mal, portanto, deve necessariamente existir na vizinhança da Terra, que foi arranjada como a mais baixa, como uma base para o mundo, e como um receptáculo para as coisas mais baixas. Todas as coisas supralunares são governadas em ordem firme e providencialmente pelo decreto de Deus, o qual elas seguem; enquanto abaixo da lua operam quatro causas: Deus, Destino, nossa escolha e Fortuna. Por exemplo, embarcar ou não em um navio está em nosso poder; mas as tormentas e as tempestades que podem surgir de uma calmaria são o resultado da Fortuna; e a preservação do navio, navegando através das águas, está nas mãos da Providência, de Deus. Existem muitos modos diferentes de Destino. Há uma distinção a ser feita entre Destino, que é determinado, ordenado e consequente, e Fortuna, que é espontânea e casual. Por exemplo, é um modo do Destino que guia o crescimento de um menino por todas as idades sequenciais até a maturidade.

12. Aristóteles, que foi um investigador diligente, concordou com os pitagóricos que o Zodíaco corre obliquamente, por conta das gerações daquelas coisas terrenas que se tornam complementos para o universo. Pois, se estes se movessem uniformemente, não haveria mudança de estações, de qualquer tipo. Agora, a passagem do Sol e dos outros planetas de um signo para outro afeta as quatro estações do ano, as quais determinam o crescimento das plantas e a geração dos animais.

13. Outros pensaram que o tamanho do Sol excedia o da Terra em não mais do que trinta vezes; mas Pitágoras, como eu penso, corretamente, ensinou que era mais de cem vezes maior.

14. Pitágoras chamou a revolução de Saturno de grande ano, visto que os outros planetas seguem seu curso em um tempo mais curto; Saturno, trinta anos, Júpiter, doze, Marte, dois; o Sol em um; Mercúrio e Vênus o mesmo que o Sol. A Lua, sendo mais próxima da Terra, tem o menor ciclo, o de um mês.

15. Foi Pitágoras quem primeiro chamou o céu de *kósmos*, porque é perfeito e “adornado” com infinita beleza e seres vivos.

Com Pitágoras concordaram Platão e Aristóteles que a alma é imortal, apesar de alguns que não entenderam Aristóteles alegassem que ele pensava que a alma era mortal.

Pitágoras disse que o homem era um *microcosmo*, o que significa um compêndio do universo; não porque, como outros animais, pelo menos, ele é constituído pelos quatro elementos, mas porque ele contém todas as forças do cosmos. Pois o universo contém Deuses, os quatro elementos, animais e plantas. Todas essas forças estão contidas no homem. Ele tem razão, que é uma força divina; ele tem a natureza dos elementos e as forças do movimento, crescimento e reprodução. Entretanto, em cada uma dessas ele é inferior às outras. Por exemplo, um atleta que pratica cinco tipos de esportes, desviando suas forças em cinco vias, é inferior ao atleta que pratica bem um único esporte; assim, o homem, tendo todas as forças, é inferior em cada uma delas. Nós temos menos forças de raciocínio do que os Deuses, e menos de cada um dos elementos do que os elementos eles mesmos. Nossa raiva e desejo são inferiores às paixões dos animais irracionais, enquanto nossas forças de nutrição e crescimento são inferiores àquelas nas plantas. Constituídos, portanto, de diferentes forças, nós temos uma vida difícil para levar.

16. Enquanto todas as outras coisas são reguladas por uma única natureza, nós somos atraídos por diferentes forças; como, por exemplo, quando por Deus nós somos atraídos para as melhores coisas, ou quando nós somos atraídos para os maus caminhos pela prevalência das forças inferiores. Aquele que, como um vigilante e perito cocheiro,* cultiva dentro de si o elemento divino, será capaz de utilizar as outras forças por uma mistura dos elementos, por raiva, desejo e hábito, tanto quanto for necessário.

* Cf. Platão, *Fedro*, para o mito do cocheiro.

Embora pareça fácil *conhecer a si mesmo*, essa é a mais difícil de todas as coisas. Diz-se que isto deriva da Pítia de Apolo, embora também seja atribuído a Quílon, um dos Sete Sábios. Sua mensagem é, em todo caso, descobrir nossa própria força, o que equivale a aprender a natureza de todo o mundo existente que, como Deus nos aconselha, é impossível sem filosofia.

17. Existem oito órgãos de conhecimento: sentido, imaginação, arte, opinião, deliberação, ciência, sabedoria e mente. Arte, prudência, ciência e mente nós compartilhamos com os Deuses; sentido e imaginação, com os animais irracionais; enquanto a opinião por si só é nossa característica. O sentido é um conhecimento falacioso derivado através do corpo; a imaginação é uma noção na alma; a arte é um hábito de cooperar com razão. A expressão “com razão” é aqui adicionada, pois até uma aranha opera, mas lhe falta razão. A deliberação é um hábito seletivo de correção dos atos de planejamento; a ciência é um hábito daquelas coisas que permanecem sempre as mesmas, como Igualdade; a sabedoria é um conhecimento das causas primeiras; enquanto a Mente é o princípio e fonte de todas as coisas boas.

18. A docilidade é dividida em três partes: astúcia, memória e perspicácia. A memória guarda as coisas que foram aprendidas; a perspicácia é a rapidez de compreensão, e a astúcia é a habilidade de deduzir o que não foi aprendido a partir do que se aprendeu a investigar.

19. O céu pode ser interpretado de três maneiras: primeiro, como a esfera mais externa; segundo, o espaço da esfera fixa até a lua; terceiro, o mundo inteiro, céu e terra.*

20. Os elementos extremos, o melhor e o pior, operam constantemente. Não há intervalo na atividade com Deus e nas coisas próximas a Ele na Mente e na Razão; e as plantas são continuamente nutridas durante o dia e a noite. Mas o homem nem sempre está ativo, nem os animais irracionais, que descansam e dormem a maior parte do tempo.

21. Os gregos sempre superaram os bárbaros nos modos e hábitos por conta do clima ameno em que vivem. Os citas são perturbados pelo frio, e os etíopes pelo calor, que ocasiona um violento ardor e umidade interior, resultando em violência e audácia. Analogamente, aqueles que vivem próximos da zona média e das montanhas participam

* De Aristóteles, *Sobre o Céu*, I. 9. 278b.

da amenidade do país que habitam.⁺ É por isso que, como diz Platão, os gregos, e especialmente os atenienses, aperfeiçoaram as disciplinas que eles derivaram dos bárbaros.[‡]

22. [Deles vieram] estratagemas, pintura, mecânica, polêmica, oratória e estudos físicos. Mas as ciências destes foram desenvolvidas pelos atenienses, devido a condições naturais favoráveis da luz e da pureza do ar, que tiveram o duplo efeito de não apenas secar a terra, como é na Ática, mas também tornar sutis as mentes dos homens. Assim, uma atmosfera rarefeita é desfavorável à fertilidade da terra, mas é favorável ao desenvolvimento da mente.

Referência

FIDELER, D. R. (ed). *The Pythagorean Sourcebook and Library: An Anthology of Ancient Writings Which Relate to Pythagoras and Pythagorean Philosophy*. Michigan: Phane Press, 1987.

Recebido em: 01/03/2021

Aprovado em: 19/04/2021

⁺ Cf. Aristóteles, *Política*, VII. 7. 1327b.

[‡] Platão, *Epinomis*, 987d.